

*RELIGIÃO,  
PERIFERIA E  
MIGRAÇÃO*



# Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro

## A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes

*Wania Mesquita\**

### Resumo

O presente artigo discute as condições em que o pentecostalismo pode surgir como variável, simbolicamente relevante, capaz de alterar as formas de sociabilidade de moradores de favelas da cidade de Campos dos Goytacazes frequentemente estigmatizados por viverem em proximidade territorial com a criminalidade violenta, especialmente narcotraficantes. Estuda-se a forma como líderes religiosos pentecostais intervêm no narcotráfico destes territórios, atenuando a violência praticada pelos traficantes. Através de uma pesquisa em curso que se vale de métodos qualitativos – acompanhamento das estratégias dos fiéis pentecostais moradores e entrevistas – busca-se compreender as formas como os pentecostais constroem suas relações e o significado destas num contexto de ordem violenta.

**Palavras-chave:** pentecostalismo; favela; criminalidade violenta; Rio de Janeiro.

### **Pentecostals and life in a slum in Rio de Janeiro: Spiritual battle in the world of violence in the outskirts of Campos de Goytacazes**

#### **Abstract**

This research discusses the conditions in which Pentecostalism can arise as a variable, symbolically relevant, and capable of changing social relations of persons that live in slums of the city of Campos de Goytacazes, which is frequently influenced by drug trade, because they are close to the city of Campos de Goytacazes, which is influenced by considerable violence and drug trafficking. The research studies how Pentecostal religious leaders deal with drug trafficking and the violence practiced by drug dealers. By means of qualitative research – together with contacts and interviews with Pentecostals

---

\* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Rio de Janeiro, Professora do programa de Ciência Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense e Pesquisadora Colaboradora do grupo Religião e Periferia na América Latina (REPAL).

living in the area – the study seeks to understand how Pentecostals construct their relationship and meaning within a context of violence.

**Keywords:** Pentecostalism; Slum; Violence; Rio de Janeiro.

## **Los pentecostales y la vida en la favela en Rio de Janeiro La batalla espiritual en un orden violento en la periferia de Campos dos Goytacazes**

### **Resumen**

El presente artículo discute las condiciones en que el pentecostalismo puede surgir como variable, simbólicamente relevante, capaz de alterar las formas de sociabilidad de habitantes de favelas de la ciudad Campos dos Goytacazes frecuentemente estigmatizados por vivir en proximidad territorial con la criminalidad violenta, especialmente narcotraficantes. Se estudia la forma cómo líderes religiosos pentecostales intervienen en el narcotráfico de esos territorios, atenuando la violencia practicada por los traficantes. A través de una investigación en ejecución que se vale de métodos cualitativos – seguimiento de las estrategias de los fieles pentecostales y entrevistas – se busca comprender las formas cómo los pentecostales construyen sus relaciones y el significado de éstas en un contexto de orden violento.

**Palabras clave:** pentecostalismo; favela; criminalidad violenta; Rio de Janeiro.

### **Introdução**

O estudo se baseia em uma pesquisa em andamento<sup>1</sup> com populações moradoras de favelas da cidade de Campos dos Goytacazes do Estado do Rio de Janeiro<sup>2</sup>, constituída, em sua maioria, por pessoas

- 1 Trata-se do desenvolvimento do projeto de pesquisa “Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes”, financiado pelo CNPq – Edital Universal 2008.
- 2 Campos dos Goytacazes é o principal município da Região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Foi considerado, ao longo de muitos anos, pólo de desenvolvimento desta Região por seu potencial agropecuário e agroindustrial latente, graças à vasta área ecológica de que dispõe, sendo, inclusive, a principal bacia petrolífera do país. Entretanto, a partir da década de 60, Campos passou a sofrer um processo de estagnação econômica. Mesmo a crescente arrecadação dos *royalties* do petróleo, a partir de 1998 pelos municípios da Região e, sobretudo, por Campos, parece não ter, de um modo geral, contribuído satisfatoriamente para o processo de geração de emprego e renda. De acordo com dados do Censo 2000 do IBGE Campos possui uma população de 406.279 habitantes. Também segundo este recenseamento há 32 favelas no município, com 16.876 habitantes em 4.842 domicílios ocupados. É na década de 60 que mais se formam favelas em Campos, quase metade delas, sendo também significativo o número das que tem origem nos anos 40 e 50. Nos anos 70 há uma queda significativa no crescimento do número de favelas, que volta a aumentar nos anos 80 (GUIMARÃES; POVOA, 2005).

pobres, que dispõem de acesso precário à cidade e à cidadania e se encontram cotidianamente submetidas ao poder do tráfico de drogas e à violência policial em seus locais de moradia. O discurso dominante aponta que a convivência com esses grupos criminosos nos mesmos territórios de moradia faria com que esses moradores possuísem uma “moralidade duvidosa” (LEITE, 2008). Como a insegurança e o medo marcam a construção dessa *imagem do perigo* representada pelos moradores de favela, a percepção social sobre estes tende a criminalizá-los e a impor-lhes uma maior segregação socioespacial, redefinindo frequentemente as políticas públicas orientadas para esses territórios e seus moradores. Ademais, esta percepção tende a favorecer a formulação de uma política de segurança pública que encontra no confronto direto com os grupos de traficantes armados o foco de sua ação, reforçando a “metáfora da guerra” (*ibid*).

Neste contexto, os moradores destas áreas estão submetidos a “conhecida lei do silêncio” que “parece ser mais perniciosa do que normalmente se imagina: não se trata apenas do fechamento para os ‘de fora’ das populações mais diretamente afetadas pela sociabilidade violenta, mas da incomunicabilidade entre os seus próprios membros produzida pelo medo e desconfiança” (SILVA, 2004:78). Partindo destas análises e considerações etnográficas em favelas de Campos dos Goytacazes, buscou-se perceber as formas como a variável religião incide na sociabilidade local<sup>3</sup>. **Visamos à**

---

3 De acordo com o IBGE, em 2000, os adeptos do catolicismo eram 59% da população “campista”, os evangélicos, 21% (Históricos 2,8% ; Renovadas 0,6%; Batista 7,6%; Assembleia de Deus 3,6%; Universal 3,5%; outras evangélicas 0,5%; outras pentecostais 1,7%) e 15% se declararam sem religião. Nesse ano o IBGE registrou ainda que os seguidores de outras religiões (espíritas, neo-cristãos, umbandistas, católicos brasileiros, budistas, islâmicos, hinduístas, adventistas, testemunhas de Jeová, judeus e outros) correspondiam a 5%. O que parece acompanhar dinâmicas do crescimento pentecostal e as mudanças no campo religioso brasileiro. Em 1991, os adeptos do catolicismo eram 83% da população brasileira e os evangélicos, 9,1% (na ocasião, 4,8% se declararam sem religião). Em 2000, o Censo detectou uma queda dos católicos para 73,8% e uma subida dos evangélicos para 15,4%. Na ocasião o IBGE registrou ainda que os seguidores de outras religiões correspondiam a 3,6%. Os sem religião, surpreendentemente, subiram para 7,3%. No Censo de 2000, entre os evangélicos, a participação dos grupos tradicionais (luteranos, presbiterianos, batistas, anglicanos e metodistas) caiu de 35% para 27,4%, perdendo terreno para os pentecostais, que aglutinaram 67,6%. Os dados do IBGE ainda colocam sob a rubrica “pentecostal” os ramos que os especialistas classificam como “pentecostal” e “neopentecostal”.

**identificação e compreensão de que os pentecostais dispõem de um “contrapoder”** em torno das ações dos traficantes e policiais, principalmente no que concerne às suas atitudes/ações violentas (SILVA e LEITE, 2007). Para tanto, focalizamos nossa atenção nos relatos das pessoas dos segmentos pentecostais que moram em favelas especificamente com os criminosos.

### **A favela “comunidade” e a irmandade de fé**

Nos contextos sociais estudados emergiu dos entrevistados moradores de favelas a categoria “comunidade”. Os moradores são “aliados sociocognitivos” da investigação em decorrência de uma estreita associação entre a reflexividade problemático-científica do pesquisador que interroga o objeto da investigação e os agentes em questão. Em algumas situações nos deparamos com o questionamento de Birman (2008): a “Favela é comunidade?”. A autora destaca que o termo “comunidade” é frequentemente usado, inclusive por agentes do Estado. O termo “comunidade” frequentemente gera uma alta identificação feita aos moradores de favela, um contraponto aos não moradores, que acaba segregando os “favelados”. Esse termo é utilizado como forma de argumentar a favor dos jovens moradores da favela, garantindo a eles “boas qualidades morais que estes teriam, passíveis de serem comprovadas pelos seus modos de vida e pela cultura que possuem.” (BIRMAN, 2008). Desta forma, o termo “favelado” tenta ser evitado tanto pelos moradores quanto pelas agências e associações, e o próprio governo, já que “favelado” é uma das designações mais segregadoras usadas nas cidades. O termo “comunidade” é visto então como algo positivo, onde emanam valores morais. “A imagem da “favela-comunidade”, é, pois, constantemente associada para desfazer do discurso que englobam seus moradores, *dentre eles os jovens*, pela identificação destes com os traficantes e seus crimes (BIRMAN, 2008, grifos nossos). Entretanto este termo não deixa de ter um caráter segregador, ele pode ser usado tanto positivamente quanto negativamente, pode se referir a um lugar de violência, quanto a um lugar de tradição. O que era para ser um termo positivo, “comunidade” contrapondo “favela”, acaba reiterando as diferenças entre os bairros da cidade das ditas favelas, comunidades, periferias, apesar do intuito dos que a empregam (BIRMAN, 2008).

Apesar da diversidade denominacional evangélica nas favelas, é possível “afirmar que as redes evangélicas trabalham em favor da

valorização da pessoa e das relações pessoais gerando ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança, além do aumento da autoestima e do impulso empreendedor” (ALMEIDA, 2006: 118). As igrejas estão articuladas às relações primárias e também formam uma rede associativa por laços religiosos. Estas relações estabelecem circulação de benefícios materiais, afetivos e cívicos como ajuda mútua, empréstimos de dinheiro, cuidado dos filhos de mães que trabalham fora de casa, informações sobre emprego, solidariedade em situações de doença etc. Particularmente uma das igrejas neopentecostais existente na favela desenvolve continuamente mecanismos de superação das múltiplas formas que a pobreza assume na localidade. Veja-se isso nos seguintes depoimentos de seguidores pentecostais:

A igreja já tinha bastante tempo aqui na comunidade, mas, quando cheguei à igreja tinha vergonha de dizer que não tinha nada para comer em casa, mas eles foram lá em casa e levaram uma sacola de compras. Foi como dia de festa, eu chorava porque os meus filhos só comiam na escola, a noite eu não tinha nada para dar para eles. Depois que conheci Jesus tudo mudou, aquele dia foi uma benção. (Moradora, 31 anos, vendedora de produtos cosméticos, membro da igreja há 4 anos).

Esses negócios de cesta básica a gente sempre faz campanha do quilo, então cada irmão dá um quilo, aí quando alguma irmã está precisando a gente vai lá faz tipo um sacolão e dá. E tem também um menino que está preso, e que é ali da comunidade que gostava muito da gente, então ainda tem maridos das irmãs ali presos, aí a irmã Rose, a diaconisa Rose, manda a gente catar sabonete, pasta de dente, papel higiênico... pra mandar pra eles. (Moradora, 37 anos, membro há 15 anos).

Sou nascido e criado aqui na comunidade, meus parentes moram aqui e a gente vai um na casa do outro, mas sabe como é quando você precisa é um ou outro que pergunta se você precisa de alguma coisa, se eu tenho o emprego que tenho hoje agradeço primeiramente a Deus e depois aos irmãozinhos da igreja. Estava desempregado há quase um ano e em todos os lugares que eu ia as portas estavam fechadas. Não foi fácil busquei muito na igreja, orei e jejei durante semanas, o pastor me revelou que eu ia conseguir. O marido de uma irmã

(membro da igreja) foi lá em casa e me avisou que ele passou na rua e viu uma placa num posto de gasolina. Fui lá e consegui o emprego (...) (Morador, 37 anos, frentista, membro da igreja há 7 anos).

Mesmo quando era descrente meus filhos iam a igreja porque era do lado da minha casa, sabia que ali eles podiam ficar, achava que era melhor do que ficar vendo coisas erradas, os meninos com armas e outras coisas. Aqui na comunidade tudo pode acontecer, a gente sai e ora para que tudo fique bem. (Moradora, 42 anos, empregada doméstica, membro há 5 anos).

Eu me batizei em uma semana na Universal, e na outra semana, meu irmão morreu. Disparou a arma. Foi aqui mesmo, foi lá no miolo, disparou a arma na testa dele, o mesmo rapaz que disparou a arma nele, também se matou. Foi acidente, mas esse rapaz com medo de alguém matar ele, também se matou. Ai ficou um corpo pra um lado e outro pro outro, foi um desespero muito grande. Eu tava trabalhando, quando eu entrei para igreja abriu a oportunidade de emprego para mim. Já tinha saído da boca, teve uma briga pra mim, eu creio que foi Deus que complicou, para depois descomplicar. Teve uma vez que estava sujando muito, a minha função era correr, para avisar que a polícia tava chegando, os meninos se escondiam, e as mulheres que ficavam andando, porque a polícia olhava menos. Ai eu estava muito cansada, eu ficava andando essa favela toda correndo, ai eu deixei meu chinelo nessa berrada aqui, ai eu falei com o gerente e ele liberou. Mas quando vim para cá, encontrei com o outro gerente, ele ficou falando um monte de coisa comigo. Eu também discuti com ele, falei para ele que só era homem porque estava com a arma na mão. Ai num quis mais trabalhar na boca. Eles foram a minha casa me chamar pra voltar, mas eu num quis voltar. Logo quando eu entrei na Universal, tinha uma vizinha que falou que conhecia uma mulher que tava precisando de alguém para tomar conta de criança. Ai eu fui! Quando meu irmão morreu, eu estava trabalhando. A mulher dele foi me avisar, mas para mim era tiro no braço, na perna, nunca veio em minha mente que ele tinha levado um tiro na cabeça e era fatal. Ai quando eu vi que todo mundo estava falando que era na cabeça, lembrei de uma passagem da Bíblia, que fala sobre Lázaro, que ele estava morto 4 dias, que Jesus ressuscitou. Para mim, eu pensava que ia acontecer com ele. Na minha mente vinha, Jesus se o Senhor me quer mesmo na sua casa, ressuscita meu irmão como o senhor fez com Lázaro. Mas ai eu vi que não era



nada disso, o médico falou que demorou muito o atendimento dele, que ele poderia até viver, mas que ia ficar com alguma coisa na mente. Mas ela tava com a barriga cheia, aí deu hemorragia na cabeça dele. Lá na Universal, eu num tinha essa coisa de conversar com o pastor não, falei com obreiro Robertinho, que eu andava muito com ele evangelizando. Aí ele pegou e falou comigo, que se eu tivesse falado de Deus para ele, que era pra eu lavar a mão e deixar a alma dele na mão do Senhor, isso mexeu muito comigo, porque eu nunca tinha falado com ele. Agora eu evangelizo já falo de Deus para as pessoas. ( Moradora, 27 anos, dona de casa, membro há 5 anos de outra denominação evangélica localizada na favela).

Segundo os moradores, as igrejas evangélicas se expandiram nas favelas nas últimas décadas, com especial destaque as denominações de pequeno porte, muitas vezes com ocupações de antigos espaços de moradias ou uso de um dos cômodos da casa para realização de cultos e outras atividades religiosas. Identificamos que são estas denominações as que muitas vezes têm o tempo de permanência encurtado seja por dificuldade de arregimentar novos fiéis em suas fileiras frente à diversidade de outras igrejas na localidade ou mesmo por não conseguir arcar com o valor do aluguel do espaço destinado as suas atividades. Ao contrário destas denominações observamos que a Igreja Assembleia de Deus se mostra enraizada nas favelas, busca de modo geral reproduzir o mesmo padrão arquitetônico de suas fachadas e tem entre os seus dirigentes moradores das favelas. Este último elemento parece ser um fator que enseja a amplitude das atividades das diferentes denominações evangélicas nestes territórios no que diz respeito às relações entre os seus membros e a favela. Muitos de seus membros e dirigentes como *estabelecidos* na favela são os que partilham da proximidade familiar e vizinhança vigente no território antes estabelecido (ELIAS, 2000). Na condição de estabelecidos, os “evangélicos” fundariam sua distinção em relação aos grupos de evangelização de outras denominações externas, como a Igreja Universal do Reino de Deus. No caso da Assembleia de Deus a igreja se firma a partir do princípio de conhecimento local, lançando mão do maior tempo de residência e relações estabelecidas no lugar enquanto fator distintivo em relação aos “outros recém-chegados”:

O pastor Getúlio é pastor presidente, mas o que fica aqui com a gente é o pastor Julio. A relação é boa, porque eu venho da Universal, e lá eu não tinha a oportunidade de conversar com o pastor. Já o pastor Getúlio vira e mexe ele está aqui, a gente pode conversar, faz reunião. Isso pra mim é muito bom, saber o que o membro tá sentindo. (Moradora, 27 anos, dona de casa, membro há 5 anos).

Nós entregávamos uns panfletos com a palavra de Deus e saíamos pela comunidade entregando e convidando as pessoas. Aí ali a igreja do pastor Getúlio era mais desenvolvida para evangelizar, orar nas casas, mais do que aqui, então foi lá que meu trabalho desenvolveu. Assim, eu pude convidar mais pessoas, por exemplo, tinha pessoas em casa enfermas que não podia, então perguntavam se nós podíamos ir até eles, aí a gente ia e orava por eles e também convidávamos para ir a igreja e elas iam, aí as pessoas iam gostando e começaram a aceitar o seu Jesus. Daí foi crescendo a obra, a gente convidando e evangelizando pessoas, e agora tem bastante membros. (Moradora, dona de casa membro há 15 anos).

No entanto, alguns membros de outras denominações evangélicas que vêm de outras áreas se deslocam nas favelas em trabalhos de missão evangelística, realizam de modo geral panfletagem de mensagens e distribuição de jornais e panfletos entre os moradores. Este é o caso da Igreja Universal que se localiza próxima a uma das vias de acesso a uma das favelas e busca a transmissão de preceitos e doutrinas a partir destas práticas. A literatura sobre pentecostalismo no Brasil tem indicado que ao contrário dos protestantes históricos, que valorizavam o uso da escrita e diferentemente de outros grupos pentecostais que realizaram proselitismo através do contato pessoal e, posteriormente, do rádio, a Igreja Universal investiu fortemente em diversos veículos de comunicação para atingir as massas. Enquanto as diversas denominações pentecostais mantinham visibilidade social restrita, pois se limitavam a propor novas práticas dentro dos seus templos nas periferias e utilizavam estratégias proselitistas de curto alcance, a Igreja Universal construía grandes templos nas principais capitais do país, veiculava programas de televisão e rádio e investia em seu jornal com distribuição para além de seus adeptos. Dessa forma, a Universal passou a estabelecer contato com novos públicos, dar sustento aos já convertidos e buscar inserção e legitimidade no espaço público (BIRMAN, 2006).

Nesse contexto de pluralismo denominacional evangélico, impõe-se uma situação de conquista de novos adeptos, o que tem levado a transformações, combinações nas relações cotidianas das favelas, e também nas disposições sociais e pessoais, diante do crescimento quantitativo do chamado campo evangélico. A atuação institucional dos evangélicos assume novas feições ou atualiza sua influência nestes territórios.

### **A ofensiva pentecostal na ordem violenta**

Entre os pentecostais, a valorização da ideia de proteção e unção divina, estabelece traços diferenciados que os singularizam e produzem uma autoimagem particular que incube o fiel de coragem para enfrentar situações adversas, muitas vezes associadas à influência do mal, levando-o a reafirmar suas crenças e seus valores. Ao relacionamento com o Espírito Santo, aos benefícios que esta experiência traz para a vida diária: os dons miraculosos, as curas, a direção de Deus nas escolhas pessoais e profissionais. Algumas pesquisas têm sinalizado a importância desta variável como fator simbolicamente relevante, que contribui não apenas no sentido da orientação de condutas para os seus integrantes (WEBER, 1996), mas que também surge como uma forma de inserção social, capaz de gerar expectativas de melhorias e superação das condições de vida (NUNES, 2007). Destaca-se, inclusive, sua interferência na resolução de conflitos em favelas, tornando-se um “recurso de contrapoder” (SILVA; LEITE, 2007), que possibilita bloquear as explosões de violência, característica de grande parte da conduta dos traficantes.

Um aspecto importante que decorre desse argumento é a questão da legitimidade de representação da visão e dos modos de vida dos pentecostais nas favelas, pois segundo os relatos dos fiéis entrevistados, nas experiências sociais cotidianas eles se deparam com a criminalidade violenta, alguns membros do tráfico foram criados na localidade, ou lá se estabeleceram pela atuação no tráfico de drogas. Nesta direção, o primeiro ponto a ser problematizado é como lidar com a presença dessa atividade. Ainda que algumas destas atividades sejam visíveis, especialmente a venda de drogas nas “bocas”, estes moradores podem se deparar com alguns “eles” em outras situações. Como em ambientes familiares, aniversários e igrejas. Mariz (1998) concebem a ideia de que a identificação a um determinado grupo religioso é perpassada pela adoção de um

novo *ethos*, embora reconheçam que o processo de conversão não ocorra subitamente. O “posicionamento” de “escolhidos - ungidos por Deus” encoraja-os a se lançarem nas situações com os traficantes as quais se acreditam estarem investidas de um poder sobrenatural, neste sentido é uma ação humanizadora, pois, ao mesmo tempo percebem o mal como ação de Satanás e acreditam na capacidade do indivíduo que pela conversão pode sobrepujar as forças do mal que agem contra o mal. O que esses pentecostais reforçam são as identificações baseadas por conjunto de experiências sociais e religiosas que os coloca em distinção moral com relação aqueles que estão no tráfico. Os pentecostais vêm no tráfico a representação do mal na medida em que se envolvem com drogas, portam armas e podem matar. Por sua vez, os pentecostais seriam os “guerreiros do Senhor” na terra. Pregadores da palavra divina usam roupas adequadas e têm uma conduta social de acordo com os preceitos evangélicos. Trata-se de uma ação proselitista baseada em uma legitimação teológica e a valorização do poder individual, vinculada à potencialidade divina “Com Deus tudo posso”.

Por outro lado, as condições de concretização destas metas se relacionam a recepção da mensagem por parte dos traficantes, o proselitismo pentecostal enfatiza a necessidade da morte do “*self*”, para o novo nascimento, uma nova vida após a cura e libertação demoníaca. Ainda que muitos traficantes venham a resistir a uma adesão que implique abandono de suas atividades ilícitas, acredita-se que a transformação da personalidade (*self*) possa acontecer a qualquer momento durante os cultos ou que seja alcançada progressivamente, pois a meta é a conversão. Por isto, há uma tolerância à presença dos traficantes nos cultos pela expectativa da libertação na vida deles. Segundo o pastor de uma igreja localizada na favela:

Eles vão ao culto normalmente, muito respeitosos, eu não vou agir como policial ali, não é o caso, ali eu tenho que ser pastor enxergar sem vê, ouvir não escuta, falar e ser mudo, eu não posso em hipótese alguma demonstrar o que eles tenham qualquer suspeita sobre mim, eles não podem ter a mínima suspeita eles tem que confiar em mim e eles confiam, ainda que eu esteja vendo que está errado eu falo para eles: está errado. Eles sabem que eu sei, que eu vejo de tudo mais não vou falar pra ninguém. Eu chego lá de manhã, ai eles estão lá com as drogas deles ai eu evangelizo eles, falo de Jesus pra ele, falo que eles vão morrer. É, vou lá na fonte mesmo, vou lá onde

eles estão e são muitos, eu vou lá evangelizo eles falo que eles estão errados mas não me meto entendeu? tipo assim, apesar de eu falar que eles estão errados eles sabem que eu sei que é problema deles. Pela própria Bíblia eu abro a Bíblia e mostro para eles, provérbio 16, diz “há caminhos do homem que parecem direito mais no final deles são caminhos de morte” eu mostro para eles e todo traficante sabe que a próxima vítima vai ser ele, então aparentemente é o caminho, eles tão ganhando dinheiro mas que é caminho de morte não posso negar isso deles agora, quanto a ele obedecer já é tipo problema deles já não sou eu que tenho, que tenho que corrigir, eu tenho que ensinar, eu tenho que mostrar. Corrigir não é comigo.

Usamos a Bíblia, porque tem pessoas que a gente fala muito de nós, mas não podemos falar só da gente, nós temos que falar uma coisa de Deus, para ver que estão crendo em Deus mesmo! Então a gente pega a Bíblia, por exemplo, abrimos no Mateus 7 e lá está escrito “não julgueis para não ser julgado”, então eu pego leio e explico para ele para ele entender o que Deus está falando. Então a palavra do Senhor para as pessoas que estão nessa vida, os alegra muito e eles ficam muito gratos. (dona de casa, 31 anos, membro há 10 anos).

Tal como destacou Teixeira (2008), ainda que os pentecostais demonizem as atividades do tráfico, gozam de respeito e prestígio em relação aos traficantes. Trata-se de uma posição conquistada pela submissão a Deus, que é quem protege, separa, aparta do mal (MARIZ, 1994). Nos relatos de pastores e membros pentecostais, identificamos que estes se colocam em oposição à autoridade do narcotráfico, além de, algumas vezes, atuarem como mediadores importantes na relação violenta que o tráfico mantém com os moradores de favela. Um dos pastores entrevistados relatou:

Se falecer aqui na Tira Gosto não pode ser enterrado no Caju, você não sepulta morador da Tira Gosto nesse meio deles, só sepulta no Caju se você conhecer alguém e tiver condições de falar com alguém de lá. Morreu um rapaz que o pai era da nossa igreja que pra enterrar no Caju eu tive que ir a Baleeira tive que ir para conversar com o pessoal antes de qualquer coisa eu tive que ir lá, na Baleeira, aí falaram que ‘como era o senhor pode sepultar aí’. Já aconteceu o caso de levarem a pessoa daqui pra sepultar lá simplesmente eles abriram o caixão a princípio não ia enterrar aí depois resolveram deixar só que antes de enterrar eles dispararam várias armas num rapaz que já tava morto, aconteceu isso exatamente isso.

Neste sentido, o conceito de carisma de Max Weber (1996) nos permite compreender a posição dos pentecostais em dois níveis inter-relacionados: das relações sociais e religiosas e no das representações. Neste particular, o carisma institucional (SÉGUY,1982) se coloca como uma qualidade que se manifesta na vida social e que confere um caráter extraordinário, até mesmo sobre-humano, a quem são atribuídas forças excepcionais e exemplares para comandar, guiar, libertar. A validade e a legitimidade correspondem ao reconhecimento da liderança que, por sua vez, se origina do respeito e pela forma como se relaciona com os moradores da favela.

Eles respeitam a gente. Eles estão fumando as pessoas passam, eles abaixam as armas. Pedem oração. A igreja aqui foi ganhando campo com eles, porque tem gente de igreja que passa perto desse menino aí e nem fala com eles, não dá um bom dia, não dá um oi, a gente já fala 'bom dia, oi, toma juízo'. Aí quando eles precisam, eles batem na porta da gente para pedir oração, ou até mesmo vai a igreja. (vendedora de cosmético, 18 anos, membro há 7 anos).

Na sociabilidade local, a igreja é identificada como uma família que guarda, para além da inserção nas redes de assistência, uma relação de filiação dos seus membros onde encontram uma referência moral. Referência esta cada vez mais débil na família e no Estado.

Hoje a igreja é uma família. E os moradores dali gostaram tanto da igreja ali que, por exemplo, até os meninos que ficam por ali se drogando se a gente passar perto deles eles ficam nos chamando de tia, pede a gente pra orar por eles, e a gente sempre chama eles pra voltar de novo a igreja e eles dizem que vão voltar e que gostaram muito de lá. Então hoje eles gostam do culto de lá, por exemplo, quando um está trabalhando, ele passa por lá e pede para orar por ele, pois não pode ficar no culto porque tem que trabalhar. Esses meninos acham na gente confiança, aí a igreja ali é uma família. E todos ali nos respeitam como evangélicos. (empregada doméstica, 28 anos, membro há 10 anos).

Se eles estiverem com uma arma na mão, eles se escondem ou se eles tiverem falando uma palavra feia, palavrão, eles param quando a gente passa, então eles nos respeitam assim nesse sentido. (dona de casa, 37 anos, membro há 15 anos).

Sendo o mal concebido de forma transcendental, a luta ética contra ele é uma luta religiosa. O combate ao narcotráfico se direciona aos indivíduos que o integram. Conforme análises de Teixeira “a ação em relação ao tráfico diz respeito à conversão dos indivíduos – e neste sentido ela é uma ação que prioriza soluções individuais” (TEIXEIRA, 2008:196). Os traficantes são considerados vítimas do demônio, fonte do mal, responsável por todos os pecados e sofrimentos da humanidade. Para estes pentecostais, o mal do tráfico em geral não tem origem nos seres humanos. Os inimigos são os demônios, contra quem se luta, pressupõe nesta visão o bem e o mal como totalmente exclusivos. Daí o embate entre o bem e o mal, o conflito é pelo argumento moral de um interesse sobre o outro.

Por conseguinte, torna-se importante guardar o reconhecimento de uma luta moral e ética em relação à sociabilidade violenta (SILVA, 2008), coloca-se em questão a coexistência de uma tensão entre o bem e o mal nas práticas dos pentecostais nos territórios controlados por traficantes. E assim sendo, domínios de valores e princípios de pertencimento diferenciados e situacionais pressupõem o engajamento de batalha espiritual, colocando em questão a superação da ordem violenta imposta pelos traficantes. Para tanto investe em um proselitismo associado a uma rede de interação cotidiana, abrindo espaços de mediação a adesão e a conversão religiosa.

### **A guisa de considerações finais**

Os pentecostais geralmente são reconhecidos pela ênfase em atributos morais. Nessa perspectiva, ser definido como “crente” e “evangélico” é ser incluído em uma categoria social que possui atributos morais. O pentecostal se opõe aos traficantes de drogas que impõem uma ordem violenta em favelas. Nestes territórios, a distinção importante é entre o bem e o mal, a guerra entre Deus e o diabo. Esta “guerra espiritual” tem como alvo a “libertação dos demônios” que agem nos traficantes.

Na inscrição das igrejas no cotidiano das favelas, os pentecostais contam cada vez mais com a possibilidade de acionar recursos simbólicos, valores, categorias e rituais religiosos através do qual tentam evitar o exercício da violência contra os demais moradores. A despeito disso, a adesão religiosa também pode ser referida ao campo das barreiras simbólicas como forma de percepção das injustiças, das atrocidades frente à dominação criminoso, a essa “ordem” que impera nas localidades e territórios focalizados (MAFRA, 1998;

BIRMAN, LEITE, 2002; BIRMAN, 2003; ZALUAR, 2004). A religião pode “organizar a vida” nas condições de enorme precariedade material, de desagregação moral e de vulnerabilidade permanente.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo. “A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade” In TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BIRMAN, Patrícia. “Favela é comunidade?” In: Machado da Silva, Luís Antônio (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. “Future in the Mirror: Media, Evangelicals, and Politics in Rio de Janeiro”. In: B. Meyer & A. Moors. *Religion, Media and Public Sphere*. Indianapolis, USA: Indiana University Press, 2006.

BIRMAN, Patrícia. “Imagens religiosas e projetos para o futuro”, in BIRMAN, P. (org.). *Religião e espaço público*. Brasília: Attar Editorial/CNPq-Pronex, 2003.

\_\_\_\_\_. e LEITE, Márcia Pereira. “O que aconteceu com o antigo maior país católico do mundo?”, in BETHELL, LESLIE (org.). *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro. Dez ensaios sobre política e sociedade brasileira*. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. RJ: Jorge Zahar, 2000.

GUIMARÃES, Berenice Martins e POVOA, Fabiana Machado Rangel. Formação e Evolução das Favelas em Campos dos Goytacazes. Relatório de Pesquisa UENF/CCH/LESCE, Campos dos Goytacazes, dezembro, 2005.

LEITE, Márcia Pereira. Violência, sociabilidade e risco nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: Machado da Silva, Luís Antônio (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nova Fronteira, 2008.

SILVA Machado da, Luiz Antonio (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. e LEITE Márcia. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, v. 22, no.33, p. 545-592, 2007.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*. Vol.19, no 1, p.53-84,2004 .

MAFRA, Clara. “Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência”, in ZALUAR, ALBA e ALVITO, MARCOS (org.). *Um século de Favela*. RJ: FGV, 1998.



MARIZ, Cecília L. A Opinião dos Evangélicos sobre o Aborto. *Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. R. C. Fernandes. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

\_\_\_\_\_. *Coping with poverty - pentecostals and christian base communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. *Sociedade e Estado*, vol.22, no.3, 2007, p.647-678.

SÉGUY, Jean. "Le clergé dans une perspective sociologique ou que faisons-nous de nos classiques? VI Colloque du C.S. P., Prêtres, pasteurs et rabbins dans la société contemporaine.11-58, Paris: Cerf,1982.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro . O pentecostalismo em contextos de violência: uma etnografia da relação entre pentecostais e traficantes em Magé. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 10, p. 181-205, 2008

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. RJ: FGV, 2004.